TANTO FAZ ...

Luiz Maito Júnior

A ***todos aqueles que um dia passaram pela minha vida.***

TANTO FAZ

QUERIA CANTAR

QUALQUER CANÇÃO

CANTAR OS CONTOS

CONTAR OS CANTOS

MAS PERCEBA

NÃO É SÓ COMUM

QUE CANSA

TE CONVIDO

PARA A DANÇA

TORNO A VIDA

MENOS DENSA

TANTO FAZ O TEMPO

TANTO FAZ O TANTO

TANTO FAZ

LEVE

HÁ...
TANTO TEMPO
ENTRE NÓS
DEIXE O AR
SOPRAR MAIS LEVE
LEVE,
A MENSAGEM
ATRAVÉS DOS DIAS
LEVE COMO OS OMBROS
LIVRES DOS FARDOS
DE TANTAS NOITES
SOU TEU CARO
E POR HORA
INSPIRO COMO
O AR LEVE,
QUE TE TOCA

ALMA DE POETA?

DE ONDE
ESSA ALMA DE POETA
ESSA VONTADE TRISTE
ESSA MALDADE CERTA
DE ONDE ESSA IDEIA
QUE ENTRE TANTAS
PERSUADE
TEIMAS QUE PODES
CONSTRUIR SORRISOS
TOCAR CORAÇÕES
DE ONDE
ESSA ALMA DE POETA
DE ONDE ESSA IDEIA?

MEDIEVAL

MIL DIAS
MAL DITOS
TEMPO HERDADO
DE MURMÚRIOS
RANÇO ANTIGO
ENTRE OS DENTES
EFEITO INVERSO PROMETIDO
CÉU DE CHUMBO
SOLIDÃO

OLHAR

QUANDO CHEGA A NOITE,
ALGO ME PARECE MAIS.
POIS, DEPOIS DE UM GIRO DO MUNDO,
M' ENCONTRAM TEUS OLHOS.
QUE TORNAM AO TEMPO DE ONTEM.
DE QUANDO TEU OLHAR ME DEIXOU.
FEITO O CÍRCULO PERFEITO,
DE ONDE ME DEIXA,
ATÉ ONDE ME ENCONTRA.
ENSAIA A PERMISSÃO,
MAS VACILA NO ÚLTIMO INSTANTE.
DEIXANDO EM SUSPENSO AS VONTADES,
TORNANDO A FICAR PRA AMANHÃ,
QUANDO O HOJE SERÁ ONTEM

Manha

Tudo me estranha
Dos dias ainda a sanha
Daqueles que cortam
A vida quando apanha
A flor que antecipa o fruto
E para muitos é só manha
Você que quando chega
Me assanha, me leva
A razão e tudo ganha
Ainda que tudo esteja
Por um triz, entranha
Me banha
Me arranha

Penso

Eu penso
Geralmente, tendo a pensar
Que o tender me é próprio
Penso, reflito e já to tendendo
Não há pra onde fugir
Penso sempre, pra não
Estar a deriva
E sempre derivo pro mesmo lado
Penso sempre tendendo
E quem me entende
Sabe pra que lado
eu penso

QUADRO VIVO

Cansado,tens me levado
muito mais que trazido
Perceba, tenho tentado
Mas ando meio perdido
Tente uma distância necessária
Quem sabe ainda haja
Algo a ser feito
É perto o local ideal
Talvez já tenhamos passado
Talvez servissem um bom whisky
E eu precisava tanto
Mas já não dá pra voltar
Minha miopia aumentou muito
Rostos a meia distância desfocam
E parece que isso acontece
Além,dos olhos, do simplesmente ver
Parece que a neblina da semana passada

Ainda está por todos os lados
Só que mais espessa agora
Quase dá para pegar
Resolvi singrar hoje
Sangrar este mar de medos
Fatiar o oceano que me separa
Do eu que sempre fui e quero
Do eu e você que nunca
Chegou a terceira pessoa
Toma aquele de volta
Que nunca fui eu
Reconto o tempo até o exato momento
O lugar ideal volta
A estar próximo
Um doze anos por favor
Os olhos e a vida
Já tem os óculos e os ósculos
A neblina esvaneceu-se
O mar um regato manso
Que atravesso com as águas pelos joelhos
Enfim estou aqui de
Cara comigo mesmo.

RE TRATO

O vento que sopra
Agora espalha minha franja
Sobre os olhos.
O que me cobre a visão
Ainda está ao alcance da mão
Um tom escuro chumba o céu
Metaliza perspectivas etéreas
Ainda não sei se isso é bom
O que me parecia certo
Reduz-se a dúvida.
Quando me arrastas ao caos
Tiras de mim o que mais prezo
Não tenho outro nome
Sou o filho dos dias
Que te antecederam
Sua rusga com o bem que eu creio
Incomoda-me, angustia-me

Embora filhos da mesma potência
Tua intenção dista muito do plano original
Mas está claro o que não devo
Mesmo que me fira
Mais que os sentidos
Vou calar em nome de
Algo maior
De onde partimos.

Re nata

Flores nos muros de Auschwitz
Crianças na praça Carandiru
Fonte pela paz no vazio
Das Duas Torres
Eco arte antes lixo
O que pensei sobre você
A vida re nata

Invisível

Nada do que ter
Apenas fome
De comida
De cidadania
De vida
Sou invisível
Sou inodoro
Só insípido
Se é que sou

Poesia

Sim, eu sou poesia
A mais triste
Se for o caso
Sim, eu sou a poesia
A mais desconexa
Que revela como sou
Sou a poesia entre os dedos
Daqueles que gesticulam
Freneticamente
A poesia da febre
Lutando contra a doença
Os lábios cerrados contra a
Procura da palavra redentora
A poesia senil do futuro
Inexistente
A percepção de que o feito
Foi construído a tapas
Eu sou a poesia

Assim

É sempre assim
O que você tem
Nesses olhos
Eu não sei
Mas saiba
Que o alívio
Que me traz
Ninguém tem
Ninguém faz.

Solar

E vinha assim como se nem viesse
Perdido, abobado, acabrunhado
Mas não há sol que não brilhe
Pelo menos uma vez na vida
E o estio da garoa eterna
Encheu de cor tão cinza tempo
Tez branca, cabelos pretos
Sorriso azul, alma multicor
Olhos infantis, pequenos, doces
E ele se encantou, muito embora
Os dias se nublem, há sol
Em certos momentos, e ele
Vive olhando para o céu
Soprando as nuvens

Saturno

Ando submerso
Tentando ser verso
Invertendo a ordem
Que o tempo conta
Faz de conta
Assim como o terceiro copo
Indeciso e inebriado
Não há mágoas
A afogar
Apenas celebrar
O que chegou
O que mudou
O que agora sou
Saturno chega em junho
E o universo conspira

Respirar

Moço, o meu ponto já passou
Agora é melhor ir embora
Deixar que e um outro ponto
Abrigue-me por agora
Moça, do ponto anterior
Porque me deixou passar?
Era só estender o dedo
E eu desceria pra te encontrar
Segue moço, troca a marcha
Acelera, que a vida tem seu percurso
Pronto, pode parar aí
Vou desce neste boteco
Vou respirar para entender
Porque em cada ponto
Me desponta um tanto
De desencanto.

Eco

Hoje não tem mais
Eco, Humberto
Mas para sempre
Vai ecoar
Que a rosa
Tinha um nome

Para Humberto Eco

Sou

Sim eu sou o céu
Sou seu, seu sul
Sou sol, lá em sí
Teu inverno
Interno inferno
Másculo, músculo
Minúsculo
Teu ósculo e asco
Me tenha, retenha
Sou seu, seu sal.

Luz e signos

Desvisto minha roupa velha
Veste antiga da paixão
Sei que me faltam letras
Luz e signos da razão
Ando desnudo por entre praças
Atenas e seus mais caros oradores
Sofismas escaldantes destes trópicos
Agreste sertão de coronéis
A toga da razão pura e eu nu
Um milhão em poucos metros
A poucos metros do turbilhão
E eu nu, sem minha antiga paixão
Já levaram minhas roupas
Agora é só razão nua
Descorada, descarada, descarnada

E se...

E se eu batesse a sua porta
Agora
Com flores na mão
esquerda
Entregasse de bandeja
O maior sentimento que
Já tive
Será que você entenderia?
Como você reagiria?
E se agora eu estivesse
A centímetros da sua boca
Você estaria vulnerável?
Resistiria?

Meio

Eu sei de tudo
Que andas sentindo
Tenho no peito também
Os mesmos t(r)emores
Sou o fim e o começo
Tenho em ti todo o meio
Por essas ruas de pó e silêncio
Conecto em seus pensamentos
Ondas curtas, faixas largas
Em décadas o tempo
Não parava assim.

2.957

Talvez seja só sorte
Quem sabe obra do destino
Alguém desavisado me diria:
- Para com isso menino!
Um buraco no espaço tempo
Um soterramento, alguém vivo
Importa mesmo saber porquê?
Depois do muro tinha outro muro
E entre eles a semente insistiu
E quando árvore, deu de ver
Do alto da copa, os dois lugares
Que o vão é o lugar de encontro
E que os muros já não separam
O vasto já não separa
Era só brincadeira ou adolescência
Era semente e virou árvore.

Dez igualdades

Meu peito nu
O seu não
Tua dor atrapalha, a minha estagna
Meu filho está em casa, o nosso, contigo
Teu choro lava a alma, o meu envergonha
Minha liberdade é a rua, a tua não se encontra
Meu prazer é do mundo
O seu não me diz respeito
O meu lugar é onde estou
O seu onde eu estiver
Teu estudo não é necessário
O meu nosso futuro
O meu salário é maior
Teu trabalho só te cansa
Meu amor é de carne e osso
O seu, alma e poesia.

Para trás

Passe-me, deixe-me para trás
As coisas não são tão simples
Adio a intenção sobre tudo
Por favor, adiante-se
Tem muitas pessoas lá atrás
Eu preciso acompanha-las
O que não me fizeram
Precisa ser feito por elas
Vem, passe, passe
O que acontece se deixarmos
Elas por lá? Haverá quem as olhe?
Deixe-me ficar, me deixe estar
Se não há o que fazer, me deixe tentar
Não sou necessário aqui
Então me deixe para trás.

Desencanto

Eu que já não crio (Clio), ou nunca criei.
Das inúmeras modalidades do moderno
Eu não criei. Com os olhos marejados.
Não criei, olhei ao redor e desabei.
Não subi prédios, não guardei pratas em bancos.
Não ofendi o negro, não viralizei virtualmente.
Não virilizei meus feitos másculos
Não ombreei a diáspora das minorias.
Não mitei ao vociferar crueldades.
Não discursei o óbvio entre os encantados
Não perdi a mão da prática discursiva
Olhei-me no espelho e vi muito pouco
Das carnes e ossos, dos aços e bytes.
Do curso do rio e do da História Vi muito pouco.
Atrasei-me em anos perdi o trem
E ele passou levando tanta gente
Contando moedas
Ofendendo, viralzando, virilizando, Apartando,
vociferando, desencantando

Erramos

Eu que amei as estrelas desde muito pequeno
Tive medo e fascínio de outros mundos
Que cantei andando por corredores mal pintados
Vivi a réstia das maldades encoturnadas
Cri nos pirilampos ainda imberbes dos 80
Vi as massas de vozes roucas em frenesi
Pintei a cara, descolori o presidente
Desatei em choro quando o nó se fez
Na garganta, na favela, no meu fusca
Em Brasília
Amei a luta, me guardei do desespero
Uma geração inteira em suas ruas
Sentei a sarjeta extenuado, coração aos pulos
Nada mais iria dar errado. Errado! Erramos!
Não era o futuro, não era a esperança
Repetimos o velho, odiamos sem pudor
Entregamos aos que virão a possibilidade
A possibilidade que tivemos de um futuro.

Terra e Mar

Terra e mar, sol e céu
Um lugar, um roçar
Teu corpo ao léu
Meu corpo no seu
Ver sós o luar
Versos, nós
Pernas, cordas, meias
Tudo ao sol e céu
Tudo ao léu
Meu corpo, nós
Ontem, hoje, amanhã

Lembranças

Colhe, torra, liquefaça
Tira, queima e perfuma
Biologia, Física e Química
Essência, lembrança e amor
Xícara, copo ou caneca
Quente, doce ou amargo
Passado, presente e futuro
Minha avó, minha mãe, eu
De manhã, o dia todo
Um cigarro, uma conversa
Uma boa companhia
Um café

Conflito

Um estalo, um tremor
Um estado extremo, um abalo
Um sorriso, um regalo
Uma ideia, um pavor
Algo país, usurpado
Meio livro lido, um cigarro
A lembrança, o sorriso
O encanto de que falo
O feiticeiro, um poeta
Um Estado em unção extrema
Um ídolo amaldiçoado
O terror e a canção
O país e uma musa
Sentimentos em desalinho
O idiota no vídeo as oito
O futuro em branco e preto
O sorriso em quatro quadros
Um pastor, um padre, vários deuses
Um economista, um historiador
O país sendo recontado
E é este o sorriso que agora conta
Para a canção e o poeta encantado

Para Ícaro e Jaque

Tudo indicava o erro
Mas amor se faz de diferenças
De entender e respeitar
De cumplicidade e prazer
Ela de humanas, humana até os ossos
Ele de exatas, tão exato para ela
Consoantes e vogais
Uma história de nossos dias
Uma letra bonita a espera da canção
Um Eduardo e Mônica nosso e só deles
Razão explícita,
Química em tons de pele inclusiva
O moderno amor sem donos, sem danos
Para se encantar em cada canto
Em cada tanto.

Cumpleaños

Um olhar me atravessou pela manhã
Faltava pouco pra chegar ao meu lugar
Ele tinha os olhos úmidos e soluçava
Onde devia chegar, se fez pelo caminho
Os lugares também mudam de lugar
Quando o destino nos orienta a alma
Foi dor, compaixão,
Vergonha do que temos sido
O roubo dos anos iniciais
Que talvez nem avancem
Em suas mãos um aviso,
Ano que vem estarei aqui?
Obrigado pelo bolo moça,
Hoje sorri e acreditei no mundo

Mares e marés

Marinheiro que sou
Vou a mar Del Plata
Aproveitando a maré
De lá, quem sabe
A Marrocos
A Martinópolis, vou a pé
Mas nunca deixarei
De a Marte em viajem
Maré que já baixou
Vou a mar da tranquilidade
Sou desses de amar
A mar Negro
A mar Vermelho
A mar Amarelo
Estou a mar do Norte
A amar cuxis
Armar velas e rezas
A mando orixás
Batucando sob estrelas
A meio caminho do
Terreiro de D. Amara

Réquiem

Eu sempre jurei que não morreria facilmente
Que ludibriaria a senhora da foice e da escuridão
Jurei como quem tivesse o domínio da situação
mas as juras são isentas de saber,
e quem jura mente
E eu menti, pois ainda que
Externasse visgo e paixão
tardava em mim a luz amplexa
Da mais completa razão
Eu que sempre jurei que seria diferente
Que queria ser semente
Que mantive a espinha ereta
Sem deixar de olhar abaixo
Perdi-me no meio do ensaio
O texto, o solo, o quadro
O mundo em preto e branco
O método ultrapassado
Menti de novo, pois juras são mentiras
Que deveriam acontecer

Lugar de brasas

Uma rua, uma cidade, um país
Uma estrela, uma rosa vermelha
Um estranho movimento infeliz
Um momento, uma espreita
Um futuro, o sorriso que abris
Uma fresta, Luiz, Laís,Elis
Ruiz, raiz
De amor, de calor, de ardor
De toda cor, de todo amor
De quem te quer e já te quis
Um professor, um aluno
Uma escola, um novo mundo
Uma arma deposta
Na soleira do passado
Uma nova resposta
Ao velho coturno empoeirado

O livro verde de páginas douradas

Há um ocaso no horizonte
O amarelo se põe sobre
Estas matas ainda verdes
Num céu azul, já salpicado
De pequenas luzes brancas
Talvez sejam os últimos dias
Uma tempestade gris
Aproxima-se
Há um descaso e um desmonte
O par perfeito dos generais (verdes)
Pessoas ainda com sorrisos (amarelos)
A santa chora e molha seu manto (azul)
Mas eles chegam autoritários (brancos)
Deliciando-se de nossa ingenuidade
Há uma luta e e um desespero
Um professor e uma professora
"Um bêbado trajando luto"
E o luto que é verbo, resistindo
Há um velho e um jovem

Um na praça, jovializando
Outro na rua quebrando placas
Um sofrendo pelo passado
O outro matando seu futuro
Há um padre e um pastor, pregando
Ambos mudando homens maus
Tratando das maldades, dos que erram
Trazendo a boa nova e o perdão
Há um futuro e um futuro
Dois caminhos, dois futuros
O dos professores
O dos profetas falsos
Eu a meio caminho de um
Blasfemo contra o outro
Mas agora já pode ser tarde.

Brim da cadeira

O moço que ainda brinca de ira
Não viu a menina que sorria
De brincadeira sorria! Maria
Sorvia o doce que escorria
Manchando o brim da cadeira
Azul, brindado de alegria
O moço que não sabia brincar
Do brim da cadeira, trocou o azul
Porque de manchas de alegria
Não podia deixar marcas
O assento e o encosto onde
Maria sempre sorria

Giz

Parecia estranho seu armar
Velava o mundo de seu
Canto mudo a vasculhar
Memórias de um tempo
A se esquecer, emparedar
Velas a soprar
Apagar as luzes, navegar
Um horizonte inteiro
De giz e ele a bordo, nau
Que segue e vara o mundo
Naufrágios e cais de portos
Tudo em giz e ele a bordo, nau
Que chega e ancora.